

ANÁLISE DO DISCURSO: A TAREFA E O PODER DAS PALAVRAS

Conceição Nogueira(*) & Lurdes Fidalgo(**)

Resumo: Na presente comunicação vamos abordar o tema da Análise do Discurso, na perspectiva que interessa aos psicólogos sociais, e sendo assim, toda a base conceptual apresentada ao longo do trabalho, terá como referência essa disciplina. Esta é uma advertência importante já que quando se fala de Análise de Discurso e da sua definição, apenas se encontra um ponto em comum: a completa confusão de terminologia (Potter & Wetherell, 1987). Esta confusão deve-se á abundância de trabalhos que começaram a surgir em muitas áreas científicas ao mesmo tempo tais como a psicologia, sociologia, linguística, antropologia, estudos literários, filosóficos, de comunicação social, etc) que têm evidentemente diferentes perspectivas teóricas. "É um campo no qual é perfeitamente possível ter dois livros sobre Análise do Discurso sem nenhuma intersecção de conteúdo entre eles" (Potter & Wetherell, 1987 p. 6).

Assiste-se cada vez mais á proclamada "crise da Psicologia Social" (Soczka, 1993; Jesuino, 1993), e á necessidade de um novo paradigma que possibilite um novo olhar sobre o objecto da Psicologia. Como refere Soczka (1993) " *O que está fundamentalmente em jogo é a crítica dos modelos herdados do paradigma positivista, dominante desde o século XIX e que presidiu ao próprio nascimento da psicologia enquanto ciência autónoma, mas hoje moribundo(...)*" (p.385). A crise parece estar nas dúvidas que o método experimental levanta e da sua adequação á complexidade e exigências do objecto de estudo (Jesuino, 1993). Ainda como refere Soczka (1993) " *Após um século de dominância positivista em que posturas atemporais e acontextuais viciaram profundamente a investigação psicológica, entramos hoje numa era em que cada vez mais se compreende o fraco valor heurístico dos modelos tradicionais, tantas vezes alienados da realidade concreta e auto-isolados em torres de marfim. (...)* Procura-se, pois, uma psicologia das pessoas nos seus cenários de vida reais, capaz de responder ás interrogações acerca das transacções entre os processos psicológicos e as acções humanas, e os contextos e cenários quotidianos em que elas se desenrolam " (p. 386).

(*) Departamento de Psicologia, Instituto de Educação e Psicologia. Universidade do Minho.

(**) Faculdade de Letras. Universidade do Porto.

Embora esta perspectiva aponte para a importância do factor ecológico em psicologia social, outras perspectivas, como é o caso de Gergen (1973) criticam a psicologia social mais tradicional-experimentalista por abordar fenómenos de natureza cultural e histórica, num quadro conceptual completamente desinserido da significação histórica e assim do mundo prático, concluindo que a intelegibilidade social exige tipicamente a contextualização temporal dos acontecimentos.

É neste contexto de crise de identidade, de métodos e de validade da Psicologia Social que surge a importância do estudo da linguagem, mas só muito recentemente os psicólogos sociais se têm dedicado ao seu estudo. O poder das palavras é no entanto já referido por muitos autores, sendo talvez o mais importante deles Foucault, que, utilizando uma passagem de um livro de José Luís Borges, (reconhecendo-o como a mola impulsadora do seu livro "As palavras e as Coisas"), refere o grande poder das palavras, para organizarem e produzirem significados que inclusivé fogem de toda a nossa imaginação. Assim, quando Borges se refere "a uma certa enciclopédia chinesa" onde vem escrito que os "animais se dividem em: a) pertencentes ao imperador; b) embalsamados; c) domesticados; d) leitões; e) sereias; f) fabulosos; g) cães em liberdade; h) incluídos na presente classificação; i) que se agitam como loucos, j) inumeráveis; k) etc; l) que acabam de quebrar a bilha, n) que de longe parecem moscas;" (Foucault, 1966, p. 47), parece-nos realmente impossível pensar esta realidade, sendo talvez e apenas, a sua enumeração alfabética o único elo de ligação entre estas categorias que transgridem toda a imaginação.

Os autores da Análise do Discurso referem-se à linguagem e à sua importância para a psicologia social, já que esta é a forma mais elementar e penetrante de interacção entre as pessoas. Existem grandes e numerosas razões para os psicólogos se interessarem pela linguagem. Esta é tão central em todas as actividades sociais que seria difícil imaginar a comunicação sem linguagem. A linguagem não é apenas um código para a comunicação, está completamente intrincada no processo de pensamento e compreensão. Grande parte das nossas actividades são realizadas através da linguagem (Potter & Wetherell, 1987). A linguagem parece dirigir as nossas percepções e faz "coisas" acontecerem, construindo e criando as interacções sociais e os diversos mundos sociais (Coulthard, 1977). Assim, os diversos textos sociais (sejam eles o que forem) têm um papel construtivo nas nossas vidas. Quando a linguagem é conceptualizada como uma forma de acção realizada no discurso entre indivíduos com diferentes objectivos somos forçados a tomar o contexto em conta.

A Análise do Discurso é uma perspectiva nova e radical relativamente aos tópicos da psicologia social (Potter & Wetherell, 1992; Lombart, 1993). Ela coloca questões importantes às pesquisas tradicionais e fornece uma metodologia para a interpretação dos textos sociais que poderá ser fascinante, não sendo apenas mais um tópico para a lista de assuntos da psicologia social. Apesar da Análise do Discurso ser um campo relativamente novo na psicologia social, isso não quer dizer que tenha surgido do nada. Tem os seus fundamentos na filosofia, na sociologia e na teoria da literatura.

Embora e como já se referiu, só recentemente os psicólogos sociais se têm dedicado ao estudo da linguagem, os mais importantes estudos sobre esta temática foram

desenvolvidos por Chomsky (1965) cujo significado, u cognitiva dos trabalhos deste foi muito imp descrição mas regras como r Chomsky os a os indivíduos com as outras

Uma d o maior prota oferece uma v teia de conver o investigador

Outra e estud os mé á vida social tentar compre produzir os c interesse part usada nas situ conversações alcançarem o para as ajudar competências treinados em

Para e semiologia fo Estes trabalho que a lingua descrição e a linguagem é r

ue d

Os aut todas as forn Assim quand preocupação interacção so excluem três questões da s

desenvolvidos pelos linguistas sob a forte influência de Noam Chomsky. De acordo com Chomsky (1975) a linguagem possui uma estrutura profunda de representação do significado, um conjunto de regras transformacionais relacionadas com a estrutura cognitiva dos sujeitos. Só nos anos 50/60 sob a influência de Chomsky se começou a trabalhar este problema. O seu trabalho, relativamente ao conjunto de regras gramaticais foi muito importante porque ele não via essas regras como uma forma económica de descrição mas sim como estruturas cognitivas psicologicamente reais. Ele via essas regras como representações dos sistemas cognitivos. Em contraste com as teorias de Chomsky os autores actuais estão menos interessados no que se passa para além do que os indivíduos dizem, mas sim em como as pessoas realmente usam a linguagem umas com as outras no decurso das interações sociais.

Uma disciplina importante foi a da filosofia da linguagem sendo Austin em 1962 o maior protagonista com a sua teoria "speech acts". Esta teoria foi muito importante e oferece uma visão social da linguagem. Ele chama a nossa atenção para o papel que a teoria de convenções sociais joga na realização das acções através do "falar", e sensibiliza o investigador para certas componentes do contexto social á volta do uso da linguagem.

Outra disciplina importante foi a etnometodologia. Esta disciplina diz respeito ao estudo dos métodos que as pessoas ordinárias utilizam e usam para produzir e dar sentido á vida social de todos os dias. As pessoas, como os cientistas, estão constantemente a tentar compreender o que se passa em qualquer situação e a usar essa compreensão para produzir os comportamentos que consideram mais adequados. Esta disciplina tem um interesse particular aqui, devido áquilo que sugere relativamente á linguagem que é usada nas situações do dia a dia. Os etnometodologistas sugerem que as pessoas nas conversações estão constantemente envolvidas em trabalho interpretativo de forma a alcançarem o sentido das "maneiras de falar", usando o seu conhecimento do contexto para as ajudar. Produzir uma conversação tranquila e escorreita, é uma arte que necessita competências altamente sofisticadas e que só nos parece natural porque estamos muito treinados em o fazer.

Para além da importância da teoria do discurso e da etnometodologia, a semiologia foi também importante para o desenvolvimento da Análise do Discurso. Estes trabalhos fogem da perspectiva de Chomsky, da sua tradição psicolinguística em que a linguagem é vista como um sistema formal preocupado exclusivamente com a descrição e a representação do mundo. Este trabalho afasta-se também da ideia de que a linguagem é melhor compreendida fora das ocasiões específicas em que é usada.

Que definição podemos dar então de Análise do Discurso?

Os autores Potter e Wetherell (1987) usam discurso num sentido aberto que cobre todas as formas de interacção verbal, formal e informal, assim como textos escritos. Assim quando falam de Análise do Discurso referem-se a qualquer dessas formas. A sua preocupação não é o discurso em si mas sim o melhor conhecimento da vida social e da interacção social que o estudo dos textos sociais pode permitir. Com esta preocupação excluem três grandes áreas de trabalho: a interface discurso/cognição, a linguística, e as questões da sociolinguística.

Segundo Fairclough, (1992) "Discurso" é um conceito difícil em grande parte porque há muitas definições formuladas de várias teorias e pontos de vista disciplinares que por esse motivo entram em conflito e se sobrepõem. Mais vulgarmente "discurso" é usado na linguística para referir amostras alargadas quer da linguagem falada quer da escrita. Deste ponto de vista "discurso" enfatiza a interacção entre falante e destinatário ou entre leitor e escritor e para além do processo de produção e interpretação do discurso, o contexto situacional do uso da linguagem. Por outro lado, discurso é amplamente usado na análise e teoria social, por ex: Foucault, refere diferentes formas de estruturar as áreas do conhecimento e práticas sociais. Assim o discurso da ciência médica é dominante nas práticas de cuidados de saúde, embora isso contraste com variadas alternativas holísticas de discursos (homeopatia e acunpunctura) assim como o popular "folk". Discursos neste sentido são manifestações de formas específicas do uso da linguagem e outras formas simbólicas tais como imagens visuais. Os discursos não só reflectem ou representam entidades e relações sociais; eles constroem-nas ou constituem-nas. Diferentes discursos combinados sob mudanças sociais específicas produzem um novo e complexo discurso. Um exemplo contemporâneo está na construção da SIDA como doença na qual vários discursos se combinam (venerologia, poluição, invasão cultural por estranhos, etc.) e constituem um novo discurso da SIDA. A perspectiva de Fairclough enfatiza o conceito tridimensional do discurso. Qualquer acontecimento discursivo é visto como sendo simultaneamente 1- uma peça de texto; 2- uma prática discursiva (natureza e tipos de discurso); e 3- uma prática social, esta última respeitante às circunstâncias institucionais e organizacionais do acontecimento discursivo.

Segundo Iñiguez e Antaki (1994) não existe uma definição única de Análise do Discurso que possa conter toda a variedade de teorias e práticas que actualmente se encontram sob esta designação. Os autores consideram a Análise do Discurso como uma alternativa a formas mais ortodoxas de investigar a vida social. No que diz respeito às definições da Análise do Discurso, existem várias e nenhuma pretende de forma imperiosa ser definitiva, desde orientações mais linguísticas até mais psicosociológicas. Os autores optam por "*um discurso é um conjunto de práticas linguísticas que mantêm e promovem certas relações sociais. A Análise consiste em estudar como estas práticas actuam no presente mantendo e promovendo estas relações: é trazer á luz o poder da linguagem como uma prática construtiva e reguladora*" (p.63). Os analistas estão de acordo quando dizem que um discurso está sempre ancorado noutra, existindo portanto uma *intertextualidade*, que é a característica do material com que trabalham. Mas nem tudo, para eles será um discurso. Há dois critérios centrais para o tornar evidente: um fragmento de conversação ou de escrita é um texto relevante se, em primeiro lugar, se pode interpretar que os/as participantes actuam no seu papel como representativos/as do grupo ou comunidade em que o/a investigador/a os/as tenha identificado "como protagonistas" na relação social, e em segundo lugar que o texto deve ter efeitos discursivos. No que diz respeito ao primeiro ponto, na Análise do Discurso a "representatividade" não faz apelo ao conceito estatístico que faz referência aos componentes de uma amostra que se considera proveniente de uma população dada. Não significa que o/a participante seja estatisticamente representativo/a da população, mas

sim que está
essa pessoa,
uma pessoa c

O seg
ter efeitos di
ouvinte ou f
mental da su
que o/a falan
Não interess
sexual (indic
objecto de co
efeitos discu
textos dever
é capaz de c
as possíveis
que está em
ambíguo, ma

Vamo
sua função,
teoria do dis
pessoas usar
da linguager
não pode ser
as pessoas p
vezes fazer
exemplo, ur
importas-tê?
esta noite?"
material a fa
pedir coisas
óbvia, e coi
preferem ev
Assim, a an
discurso, de
por exemplo
apresentar a
dize... que ex
um amigo, j
algumas e r
linguagem j

A pr
construção
implica um

sim que está a actuar como se estivesse nesse papel, e por isso o que é importante sobre essa pessoa, na interacção, não são as suas qualidades pessoais, mas sim o facto de que é uma pessoa daquele grupo.

O segundo critério para identificar um discurso consiste em que o texto deveria ter efeitos discursivos. "Efeitos" não significa aqui efeitos psicológicos individuais no/a ouvinte ou falante. Um texto pode ter um efeito independente da actual percepção mental da sua mensagem por parte da audiência ou mesmo uma mensagem intencional que o/a falante poderia ter imaginado. É o caso dos anúncios das mulheres e dos carros. Não interessa a reacção individual, interessa é ver a relação da mulher como um objecto sexual (indicado pela nudez, ou pela forma como está vestida) com o carro como um objecto de consumo masculino, e é isso que é importante para o analista do discurso. Os efeitos discursivos são aqueles que operam *por cima* do nível individual. Ao trabalhar os textos devemos procurar os efeitos que o material tem "por direito próprio": que o leitor é capaz de captar. A tarefa do analista consiste em percorrer os textos procurando todas as possíveis leituras e identificar aquelas que sejam mais adequadas para a relação social que está em consideração. É obvio que outras leituras são possíveis, qualquer texto é ambíguo, mas no entanto a tarefa do analista é identificar a principal, a mais importante.

Vamos referir-nos agora às *componentes* da Análise do Discurso, como sendo a sua função, a construção, a variabilidade, e como um tópico em si mesmo. Tanto os da teoria do discurso como os etnometodólogos, referem a *função* da linguagem já que as pessoas usam-na para fazer coisas: ordenar, pedir, persuadir e acusar. O foco na função da linguagem é também um dos grandes componentes da Análise do Discurso, mas esta não pode ser entendida de uma forma mecânica. Infelizmente como todos bem sabemos as pessoas para persuadir, acusar, etc, nem sempre o fazem de forma explícita. Muitas vezes fazem-no com muitas subtilidades, de formas oblíquas, de forma abstracta: por exemplo, um pedido pode ser feito directamente "precisava deste material esta noite, importa-te?", ou então "será que te importavas que te pedisse emprestado este material esta noite?" ou ainda de forma mais oblíqua "não sei como me vou ver sem este material a fazer estas coisas esta noite." Parece ser mais vantajoso para os/as que falam pedir coisas de forma indirecta porque permite ao outro rejeitar, sem tornar a rejeição óbvia, e como os autores referem parece haver alguma evidência de que as pessoas preferem evitar os actos indesejáveis tais como a rejeição antes que eles aconteçam. Assim, a análise da função não pode ser uma simples questão de categorizar peças do discurso, depende do analista que lê o contexto. Mas a função pode ser específica como por exemplo um pedido, mas também pode ser mais global como por exemplo como apresentar a nossa imagem a alguém ou desfavorecer a imagem de alguém. Isto quer dizer que existe *variação* ao longo do tempo. Para descrever uma pessoa por exemplo a um amigo, podemos usar determinadas características, para um parente podemos omitir algumas e referir outras, e estamos a falar da mesma personagem. As pessoas usam a sua linguagem para *construir* versões do mundo social.

A principal doutrina ou dogma da Análise do Discurso é que a *função envolve a construção de versões e isso é demonstrado pela variação da linguagem*. A construção implica uma selecção activa: alguns recursos são utilizados e outros não. A noção de

construção enfatiza o poder da natureza consequente das descrições. Muitas das interações sociais estão relacionadas com eventos e pessoas que são experienciados apenas em termos de versões linguísticas específicas. De uma forma profunda pode-se dizer que as descrições constroem a realidade.

Os autores não querem, no entanto fazer com que o processo pareça necessariamente deliberado ou intencional. Pode acontecer que a pessoa que está a fornecer a descrição não esteja a construir conscientemente, mas a construção emerge quando elas pretendem dar sentido a um fenómeno ou entrar em actividades sociais inconscientes tais como queixar-se ou justificar-se. É importante referir que nestes casos há variabilidade nas descrições, porque diferentes formas de descrição podem ser certas para diferentes ocasiões, mas a pessoa pode estar apenas a "fazer as coisas naturalmente" e não intencionalmente a decidir qual a forma de linguagem mais apropriada. Toda a linguagem, mesmo a linguagem que passa como simples descrição é construída e resulta importante para o analista do discurso.

Os analistas do discurso referem que a linguagem que as pessoas usam é muito mais variável do que aquela que é indicada pela abordagem "realística" do modelo descritivo de linguagem, que trata o discurso como um intrincado relativamente não ambíguo de acções, crenças ou acontecimentos actuais. Os investigadores que adoptam o modo realista assumem que quando as pessoas estão face aos mesmos acontecimentos acções ou crenças, as suas descrições serão consistentes. E para propósitos metodológicos, eles tomarão as descrições como consistentes querendo dizer que os acontecimentos realmente aconteceram como foram descritos. Há duas considerações a ter relativamente a esta questão. Primeiro a consistência nas descrições é frequentemente exagerada devido a várias técnicas de agregação normalmente usadas pelos psicólogos, e também não há razão para supôr que a consistência nas descrições seja um indicador seguro da validade descritiva. Esta consistência pode ser um produto de descrições que partilham a mesma função, o que quer dizer que duas pessoas podem pôr o seu discurso em conjunto da mesma maneira porque simplesmente elas estão a fazer a mesma coisa com ele.

Finalmente, os analistas do discurso focam-se no discurso em si mesmo. O que quer dizer que não tentam recuperar os acontecimentos, as crenças e os processos cognitivos do discurso das pessoas, ou tratar a linguagem como um indicador de outras situações, mas sim olhar para a questão analítica principal de como o discurso ou as descrições dessas coisas são feitas.

Para sumarizar os analistas do discurso sugerem: (i) linguagem é usada para uma variedade de funções e o seu uso tem uma variedade de consequências; (ii) a linguagem é quer construída quer construtiva; (iii) o mesmo fenómeno pode ser descrito num número de diferentes maneiras; (iv) haverá uma considerável variação nas descrições; (v) não há até agora maneira de lidar com esta variação e pesquisar quais as descrições que são exactas ou literais daquelas que são retóricas ou mentirá; e (vi) as maneiras construtivas e flexíveis pelas quais a linguagem é usada devem ser em si o tópico central do estudo.

A concluir, e tentando enumerar todas as questões pertinentes para a Análise do Discurso, diríamos como referem Burman e Parker (1993) que tópicos como a identidade, emoções profundas, preconceitos e atitudes não são "dados" que se

escondam den
contrário, cri
psicológico t
pensarmos que

A Anál
preocupada
desencadead
linguagem, os
falados onde a

A ling
interpretativos
os psicólogo
categorias m
exemplo a m
forma como
fenómeno (a
significados
Muitos dos
1987) ou disc
métodos trad
problemática
parece haver
como a vari
riquezas que
modelos teor
como a lingu
exclusivamen
linguagem d
social de su
sociopolítico
Análise do l
semiótica se
formas pela
corresponde
únicos.

Hoje
prático soci
uma realida
pertinência
utilizando a
que o termo
soap operas
construídos

escondam dentro das pessoas e que o psicólogo possa "descobrir", mas são antes pelo contrário, criadas pela linguagem que é usada para o/as descrever. O fenómeno psicológico tem uma realidade pública e colectiva, e estamos enganados/as se pensarmos que ele tem origem no espaço privado do indivíduo.

A Análise do Discurso não pretende revelar universalidades psicológicas, está é preocupada com o contexto social no qual as respostas dos indivíduos são desencadeadas. Em vez de estudar o pensamento como se ele estivesse fora da linguagem, os psicólogos usam a Análise do Discurso para estudar os textos escritos ou falados onde as imagens do pensamento são reproduzidas e transformadas.

A linguagem organizada em discursos (o que alguns designam por repertórios interpretativos) tem um imenso poder para modelar a forma como as pessoas, incluindo os psicólogos, experienciam e se comportam no mundo. A linguagem contém as categorias mais básicas que nós usamos para nos compreendermos, afectando por exemplo a maneira como nos comportamos como mulher ou homem e reproduzindo a forma como definimos a nossa identidade cultural. Quando falamos acerca de qualquer fenómeno (a nossa personalidade, atitudes e emoções) nós aproximamo-nos dos significados partilhados (assim sabemos que o ouvinte saberá o que estamos a dizer). Muitos dos analistas do discurso chamariam a isso repertórios (Potter & Wetherell, 1987) ou discursos (Parker, 1992) ou ainda dilemas ideológicos (Billig *et al.*, 1988). Os métodos tradicionais usados pelos psicólogos não são de grande interesse para esta problemática. O problema reside em como desenvolver métodos alternativos. Não parece haver um único método para o fazer e essa variedade de possibilidades assim como a variedades de problemas possíveis de abordar parece ser uma das grandes riquezas que a Análise do Discurso fornece para a disciplina. O que os diferentes modelos teóricos usados pelos diferentes autores partilham é a preocupação com a forma como a linguagem produz e condiciona significados, onde o sentido não está pelo menos exclusivamente, na nossas cabeças, e onde as condições sociais dão forma às formas de linguagem disponíveis. De várias formas a Análise do Discurso oferece um motivo social de subjectividade, ao estar atenta aos recursos linguísticos pelos quais o sociopolítico é produzido e reproduzido. Uma caracterização deste tipo pode tornar a Análise do Discurso como a última sucessora de, ou uma versão de hermenêutica, e semiótica social. Todas estas formas envolvem uma atenção muito especial para as formas pelas quais a linguagem faz, mais do que reflectir o que representa, com a correspondente implicação de que os significados são múltiplos e variáveis e não fixos e únicos.

Hoje assume-se que falar é fazer algo, que as práticas discursivas são genuínas práticas sociais com efeitos concretos e que a linguagem não é uma porta aberta para uma realidade exterior mas sim uma forma de a corporizar. Daí que seja hoje de muita pertinência o estudo da linguagem como instrumento de avaliação da mudança social, utilizando a perspectiva de Análise de Discurso (Fairclough 1992). Convém acentuar que o termo discurso se refere a todo e qualquer texto (entrevistas, peças jornalísticas, soap operas etc.) Os textos são assim complexos produtos culturais e psicológicos construídos de forma a fazer as coisas acontecerem (Potter, 1992). Os textos sociais, não

são um mero reflexo dos objectos, acontecimentos e categorias pré-existentes no mundo social. Eles constroem activamente uma versão desses acontecimentos e categorias. Não descrevem coisas, fazem coisas.

O laço de união entre o discurso e o seu contexto social, político ou outro, não é tanto o sujeito psicológico que fala, as suas intenções, os temas que estão no centro das suas preocupações, mas sim as condições de produção do discurso. O sujeito discursivo (indivíduo ou instituição) representa-se através dos conteúdos e processos discursivos utilizados, é ao mesmo tempo sujeito produtor do discurso e efeito da sua própria interpretação. Os discursos não representam somente relações e entidades sociais. Eles constroem e constituem-se em diferentes discursos.

REFERENCIAS

- Billig, M., Condor, S., Edward, D., Gane, M., Middleton, D. & Radley, A. (1988). *Ideological Dilemmas: A social psychology of every day thinking*. London: Sage.
- Burman, E. & Parker, I. (1993). Introduction-discourse analysis: the turn to the text. In E. Burman & I. Parker (Eds), *Discourse analytic research. Repertoires and readings of texts in action*. London: Routledge.
- Chomsky, N. (1975). *Reflexões sobre a linguagem*. Colecção Signos, Edições.
- Coulthard, M. (1977). *An Introduction to Discourse Analysis*. London: Longman.
- Fairclough, N. (1992). *Discourse and Social Change*. Cambridge: Polity Press.
- Foucault, M. (1966). *As palavras e as coisas*. Lisboa: Edições 70.
- Gergen, K. (1973). Social Psychology as history. *Journal of Personality and Social Psychology*, 26, 309-330.
- Iñiguez, L. & Antaki, C. (1994). El analisis del discurso en psicologia social. *Boletin de psicologia*, 44, 57-75.
- Jesuino, J. C. (1993) A psicologia social europeia. In Jorge Vale & M. B. Monteiro (Eds), *A Psicologia Social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Llombart, M. (1993). Mujer, relaciones de género y discurso. *Revista de Psicologia Social* 1993, 8 (2) 201-215.
- Parker, I. (1992). *Discourse Dynamics: Critical analysis for social and individual psychology*. London: Routledge.
- Potter, J. & Wetherell, M. (1987). *Discourse and Social Psychology*. London: Sage.
- Potter, J. & Wetherell, M. (1992). *Mapping the language of racism: Discourse and legitimation of exploitation*. London: Harvester Wheatsheaf.
- Soczka, L. (1993). Para uma perspectiva ecológica em Psicologia social. In Jorge Vale & M. B. Monteiro (Eds), *A Psicologia Social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

QU
QUESTION

Resumo:
Segunda f
uma meto
respondei
incipiente
chamados
questão q
escolhera
questioná
e o outro
envelope.
item foi i
de respos
próprios
avaliação

Segu
importancia d
conceber e int
Saúde. De ent
comportament

(*) Faculdade de Ps